

COMO GERIR O “JEITINHO BRASILEIRO” OU OS “MALANDROS” NO BRASIL?

Denize Dutra

Embora já tenha tratado do famoso “jeitinho brasileiro” em diferentes perspectivas, chamou-me a atenção um artigo escrito pela amiga Ana Beatriz Leal (Mestre em Administração Pública), pela forma, ao mesmo tempo criativa e séria, como abordou o tema, descaracterizando o aspecto pejorativo, comumente a ele associado. Por isso, compartilho com o leitor trechos originais do citado artigo:

“No país do samba e do futebol, o Brasil se fez em múltiplas raízes que aqui conviveram harmoniosamente e que convivem até hoje, em um sistema totalmente rígido com suas leis, onde se misturam o autoritarismo e a descontração de seu cordial povo.

Há um abismo entre o que é prescrito e o que de fato realmente ocorre em nossa sociedade. O lado autoritário e hierarquizado da sociedade brasileira tem, para Roberto da Matta, pelo menos, três dimensões distintas. Uma é a existência de uma ordem formal, baseada em oposições de status e prestígio social bem definido, onde não existem conflitos e “cada um sabe o seu lugar”. A outra é a existência de uma oposição sistemática entre o mundo das “pessoas”, socialmente reconhecidas em seus direitos e privilégios, e um universo igualitário dos indivíduos, onde as leis impessoais funcionam como instrumentos de opressão e controle (“para os amigos, tudo; para os inimigos, a lei”). A terceira é o mundo do sagrado, onde se opera uma suposta equalização da sociedade, já que todos são filhos de Deus, mas ao mesmo tempo são mantidas as estruturas claramente hierarquizadas de santidade.

Um dos dilemas básicos da sociedade brasileira é o conflito constante entre o indivíduo versus a pessoa. Esses sistemas hierarquizados operam uma dissociação entre dois mundos ideais na mitologia brasileira: o mundo da casa, onde as pessoas valem pelo que são, e o mundo da rua, onde os indivíduos lutam pela vida em uma batalha impiedosa e anônima.

Nesta batalha, as principais armas são, alternativamente, a afirmação dos privilégios de status das pessoas das classes dominantes como, por exemplo, a expressão tão conhecida por nós brasileiros: “você sabe com quem está falando?”, e a redução dos indivíduos às leis impiedosas do mercado e da burocracia.

*Dentre todas as definições de que o Brasil tem sido alvo, duas especialmente chamam a atenção pela freqüência e verticalidade de seu uso: “jeitinho brasileiro” e “país do jeitinho”. Essas expressões não só operam como fórmulas mágicas para a resolução de problemas de qualquer ordem, mas como também traduzem uma parte da nossa identidade. Embora o jeitinho seja usado de inúmeras maneiras por todos os brasileiros, a figura do “malandro” nos remete diretamente ao seu emprego. Jeitinho e malandragem tornaram-se sinônimos aqui no Brasil. Nada melhor e mais sensível que o malandro para caracterizar o ideal do trabalhador brasileiro. Na verdade, **o malandro é aquele que se individualiza a fim de criar condições em um universo hierarquizado onde vive para reinventar e recriar o mundo social em novas bases.** Renunciadores das duras leis impessoais que lhe são impostas, os malandros enganam pessoas em posições sociais de poder e prestígio e denunciam a falta de relacionamento social mais justo. Eles têm um código moral baseado no envolvimento e respeito moral entre todos os indivíduos e, entre muitas outras características, a sedução lhe é natural.*

A categoria de malandro também é bastante complexa. Podemos dizer que existe uma escala de malandragem que vai desde um simples ato de esperteza (sagacidade), passando pelo meio da escala, que seria aquela malandragem aceita pelo código moral nacional, até chegarmos ao seu extremo, que seria o malandro que virou um marginal (bandido).

Fazendo uma análise comparativa histórica sobre a personificação dos malandros nacionais, percebemos que muitos "malandros" de hoje são aqueles que estão na parte superior da pirâmide de hierarquia organizacional. Na verdade, hoje em dia, "malandros" tem contrato, gravata e capital. Deixou seu lado de renunciador e foi incorporado pela ordem capitalista ocidental.

Neste sentido, o imaginário e a prática do sujeito organizacional brasileiro se entrelaçam com o surgimento do trabalho no Brasil, com seu desenvolvimento econômico, com as mudanças globais no modo de produção e por que não com o "amadurecimento" da figura do malandro ao longo da história? O malandro morreu? Claro que não. Ele, mais uma vez, transformou-se e submeteu-se às novas exigências da ordem mercadológica mundial, resistindo, assim, à tentativa de enquadrar o sujeito organizacional brasileiro nas lógicas que nos são estranhas.

*Ora, numa sociedade como a nossa, de múltiplos contrastes, ser malandro tornou-se um fator muito importante. É claro que estamos falando aqui da **"malandragem politicamente correta"**. Talvez só um brasileiro seja capaz de entender o que isso significa, pois vive num país onde a desigualdade social é assustadora, onde a taxa de desemprego é insana e os trabalhadores na sua maioria sofrem males causados por pressões no trabalho, o malandro não pode ser uma página virada da história nacional".*

Num tempo onde só se ouve falar da "malandragem do mal" no Brasil (violência, corrupção, etc.) a autora nos possibilitou com esta análise não só o resgate da **"malandragem" como a forma mais sadia e prazerosa de se trabalhar nestes tempos de banalização dos sentimentos**, mas também entender que no sentido positivo do termo (como acima exposto), "ser *malandro*" pode ser uma vantagem competitiva para o Brasil nesta crise econômica, política e social em que vivemos. **Na medida em que esta "malandragem" (do bem!) permite mais criatividade nos processos, flexibilidade nas relações de trabalho, rápida resposta às mudanças, leveza e descontração no ambiente, satisfação pessoal.**

Tempo de Copa do Futebol, Seleção Brasileira em evidência, a "malandragem" presente no mundo, personalizada pelo "Atleta do Século", pelo "Melhor Jogador do Mundo" e por todos os outros brasileiros, que mesmo sem títulos fazem este país acontecer.

O esporte e em particular o futebol tem inspirado muitas comparações com a gestão. Recentemente, Parreira disse em entrevista a TV, que mais do que um técnico de futebol é um gestor de talentos. E por isso compartilho com os leitores uma pergunta que não quer calar: **que competências precisamos desenvolver para gerir o "malandro" ?**